

ARTE DE SER FELIZ

Poucos conhecem a felicidade, saber senti-la é uma arte. Veja o que diz Cecília Meireles sobre isso.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé. Na porta do chalé brilhava um grande ovo de louça azul. Nesse ovo costumava pousar um pombo branco. Ora, nos dias límpidos, quando o céu ficava da mesma cor do ovo de louça, o pombo parecia pousado no ar. Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa, e sentia-me completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal. No canal oscilava um barco. Um barco carregado de flores. Para onde iam aquelas flores? quem as comprava? em que jarra, em que sala, diante de quem brilhariam, na sua breve existência? e que mãos as tinham criado? e que pessoas iam sorrir de alegria ao recebê-las? Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda. À sombra da árvore, numa esteira, passava quase todo o dia sentada uma mulher, cercada de crianças. E contava histórias. Eu não a podia ouvir, da altura da janela; e mesmo que a ouvisse, não a entenderia, porque isso foi muito longe, num idioma difícil. Mas as crianças tinham tal expressão no rosto, e às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis, que eu que participava do auditório imaginava os assuntos e suas peripécias — e me sentia completamente feliz.

Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde e, em silêncio, ia atirando com a mão gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Fardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos: que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles. Quadrante: crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.

VOCABULÁRIO

arabesco — gesto, trejeito estiagem — falta de chuva

aspersão — respingo, borrifo oscilar — balançar-se, mover-se

copa — ramagem superior das árvores peripécia — aventura, brincadeira

Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro. Aos 16 anos, redigiu seu primeiro livro de poesias, Espectros. Dedicou-se à Literatura e à Educação. Sua linguagem é marcada pela simplicidade, pelo uso de símbolos, focalizando o cotidiano, o amor, a saudade, o tempo e a eternidade. Destacam-se entre suas obras: Romanceiro da Inconfidência, Escolha o seu sonho, Balada para el-rei, Viagem e Vaga música.

ESTUDO DO TEXTO

1. Que visão magnífica tinha a narradora quando criança? Descreva-a.

Ela via um grande ovo de louça azul. Nele pousava um pombo. Nos dias claros parecia que o pombo pousava no ar, porque o ovo se confundia com o céu azul.

2. Não sendo mais criança, ela continuava feliz. Por quê?

Ela conseguia ver beleza em tudo que a rodeava.

3. Leia os trechos abaixo:

"Eu era criança, achava essa ilusão maravilhosa..."

"Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz."

a) Por que ela empregou a palavra "porém"?

Para indicar que, apesar de não ser criança, ela sabia ser feliz.

b) Que sentido essa palavra dá à frase?

Indica oposição ao que foi dito antes.

4. Como a narradora consegue ser feliz, apesar de não entender as histórias contadas às crianças?

Ela participava indiretamente da cena e alegrava-se com a felicidade estampada no rosto das crianças.

5. A atitude do "pobre homem com um balde" nos ensina o quê?

Ensina-nos a ser persistentes e a lutar contra as dificuldades.

6. Ela era feliz mesmo diante da imagem de um jardim quase seco. Por quê?

Ela tinha esperanças quando via o pobre homem regando as plantas.

7. O que podemos concluir sobre a felicidade através da leitura deste texto?

A felicidade existe, mas é preciso aprender a olhar para poder ver as coisas e sentir-se feliz.

8. Na sua opinião, por que "tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino"?

Pessoal.

9. Para você, o que significa "aprender a olhar"?

Pessoal

10. O texto pode ser dividido em duas partes principais, de acordo com a época em que ocorrem os fatos. Delimite-as.

1ª parte: de "Houve um tempo..." até "... meu coração ficava completamente feliz". 2ª parte: de "Às vezes..." até "... vê-las assim".

portuguessos.blogspot.com